

A libertação poética de *Rosa Cuchillo* no presídio feminino em Chiapas

Stela Fischer¹

Este texto é o relato emocionado da experiência de acompanhar a apresentação de *Rosa Cuchillo*, do grupo peruano Yuyachkani, no presídio feminino Cerss No. 5, Centro Estatal para la Reinserción Social de Setenciados para el Estado de Chiapas, México.

A iniciativa da apresentação surgiu espontaneamente das atrizes Teresa Ralli e Ana Correa ao conhecerem Patricia Aracil, psicóloga espanhola que mora há muitos anos em San Cristóbal de las Casas, responsável por desenvolver diversas no presídio.² Teresa e Ana certamente pediram para levar o espetáculo até aquelas mulheres em situação de abandono social e legal.

Patricia realiza no Cerss um belíssimo trabalho de assistência às detentas, junto a uma pequena equipe voluntária de defensoria que se organiza de forma independente, sem subsídio do governo. Eles desenvolvem inúmeras atividades de formação e oficinas, apoio emocional, jurídico e financeiro às detentas. Auxiliam na averiguação de possíveis irregularidades nos processos, atenuação de pena e reinserção das mulheres na sociedade. Também mantém há dois anos a Casa Cereza, um espaço de transição e acolhimento das mulheres que saem do presídio e precisam de um lugar para morar,³ onde possam voltar a estudar e se restabelecerem no mercado de trabalho.

¹ Stela Fischer é doutoranda em Artes Cênicas na Universidade de São Paulo, Mestre em Artes/Teatro pela Universidade Estadual de Campinas. Autora do livro *Processo Colaborativo e Experiências de Companhias Teatrais Brasileiras* (Hucitec, 2010). Coordena na cidade de São Paulo o *Coletivo Rubro Obsceno*, um agrupamento de mulheres artistas com a finalidade de discutir as questões de gênero nas artes cênicas.

² Patrícia Aracil iniciou seu trabalho no Cerss após uma visita ao presídio durante um encontro internacional de mulheres contra a violência que ocorreu na cidade. Impactada pela situação das presidiárias, organizou um grupo independente, em novembro de 2009, para acompanhar as presidiárias, promovendo atividades de apoio emocional e auxiliando na humanização e resolução dos seus casos.

³ Patrícia Aracil nos relatou que a maior parte das mulheres são rechaçadas por suas comunidades e familiares e ao sair do presídio encontram dificuldades em voltar aos seus lugares de origem. Por isso, Patrícia e sua equipe criou a Casa Cereza, um espaço de transição administrados pelas próprias mulheres recém-saídas do Cerss. A equipe também as ajuda a encontrar trabalho, a continuar seus estudos. O grupo FOMMA - Fortaleza de la Mujer

Fomos em um pequeno grupo de mulheres de diferentes origens que se encontrava na cidade participando do curso *Art and Resistance*, promovido pelo Hemispheric Institute. Eu, particularmente, estava muito emocionada; seria a primeira vez que assistiria ao solo de Ana Correa, dirigido por Miguel Rubio, que há muito tempo vinha estudando e me envolvendo à distância. E na manhã de 15 de agosto de 2013 participei dessa vivência num contexto especial: assistir ao Yuyachkani junto a mulheres que, assim como a personagem da história, estão num processo de luta por justiça e liberdade.

O presídio localiza-se a alguns minutos da cidade de San Cristóbal de las Casas, num cenário típico da região de muito verde e cercado por montanhas. Ao chegar, nos dirigimos à ala feminina do presídio, com aproximadamente sessenta mulheres de diferentes idades. E a maioria delas estava a nossa espera, ansiosas pela manhã especial que iriam ter. Estavam inclusive vestidas e maquiadas com esmero, preparadas para a visita de *Rosa Cuchillo*.

Assim que viram a chegada da Patrícia Aracil, que integrava o nosso grupo como responsável pela atividade no Cerss, muitas imediatamente foram ao seu encontro que as recebe com acolhimento e carinho, fazendo questão de nos apresentar uma a uma e contar um pouco de suas histórias. E foi impressionante ver como Patrícia é querida por todas, o quanto o seu trabalho tem sido significativo nestas vidas de carências. Algumas detentas se aproximaram para lhe reclamar a dor da falta da família, outras se queixavam de alguma dor no corpo e outras, ainda, apenas para lhe fazer alguma graça ou simplesmente estar perto dela.

Enquanto arrumávamos o espaço para a apresentação, elas seguiam nas suas atividades cotidianas de bordado e feitura de bolsas de rafia, artesanatos que seus familiares vendem para ajudar nas rendas.⁴ E nesse momento, conheci a Nair, a Celina, a Antônia, a Bernarda, a Florélia, a Rosário, a Rocio entre tantas outras. E Irene, grávida de cinco meses de Bryan. Ali não é lugar para Irene gestar seu filho, por pior que tenha sido o crime cometido. É um direito humano a liberdade! Fiquei perplexa, também, com uma senhora indígena muito anciã, reclusa, adoecendo e envelhecendo ainda mais naquele ambiente. Que ameaça ela representa para a sociedade? Há outras formas de

Maya também apoia esta iniciativa, auxiliando as mulheres nas atividades de reinserção profissional, social e emocional.

⁴ Segundo Patrícia Aracil, as presidiárias precisam cobrir os gastos com suas necessidades básicas durante o período dentro do presídio. O Estado se responsabiliza apenas em dar-lhes uma “laje de concreto” para dormir e duas refeições por dia. Elas precisam pagar pelos cobertores, sabonete, pratos e utensílios para comer. Patrícia e sua equipe as apoiam com uma pequena ajuda de custo (180 pesos para cada uma) para que possam comprar estes materiais de necessidades básicas, assim como fios, lãs, tecidos para a confecção de artesanatos que seus familiares (quando os tem por perto!) ajudam na venda e arrecadação de fundos para a sua estada no presídio.

responder judicialmente aos delitos que não o isolamento, a exclusão, a privação de estar perto de seus filhos, de suas mães, de suas comunidades, de sua pátria. Isso me fez definitivamente ter a certeza que o sistema carcerário precisa ser revisto com urgência.

Minha indignação foi ainda maior quando me informo que a maioria destas mulheres está respondendo por crimes cometidos em defesa de seus direitos e vida, como exploração sexual por familiares e assassinatos de maridos após uma vida inteira sofrendo violência física e moral. E vale lembrar que as sentenças são mais duras para as mulheres do que para os homens. Por exemplo, há casos ali de mulheres que cumprem o dobro da sentença por homicídio comparado aos homens que respondem pelo mesmo delito.

Outro aspecto a se considerar é que a maior parte das detentas é indígena, não sabe ler nem escrever e não tem a assistência de um tradutor para suas línguas de origem na defesa de seus casos. Algumas inclusive assinam documentos cujo conteúdo desconhecem. Como não se indignar?

Estava frio, ventando muito no pátio. Teresa Ralli começou com uma dinâmica de aquecimento: a “respiración del fuego”. Uma técnica simples de respiração pelo nariz associada a movimentos corporais. Tímidas com a proposta riram e se divertiram como meninas. Teresa pediu para que elas dissessem uma palavra, um desejo íntimo, algo que elas realmente desejavam com muita vontade. Rapidamente, uma delas se destacou do coletivo e disse em alta voz: “liberdade”. Eu tremi.

Neste instante, Ana Correa entrou em cena como *Rosa Cuchillo*. Todas se surpreenderam, fizeram piadas entre elas e comentaram a novidade que tomou o pátio do presídio. Ana olhou uma por uma nos olhos. Aplaudiram entusiasticamente. Ninguém, nem o Estado nem as famílias as olham dessa forma tão intensa e humana. Elas precisam ser olhadas. Cuidadas. Acolhidas.

Rosa Cuchillo é uma presença fantasmagórica impactante, com a pele pintada de branco, em sua vestimenta de extrema beleza e suas negras tranças que nos reporta a uma cultura andina longínqua. Uma figura que compreende os corpos de todas aquelas mulheres indígenas ali presentes. E iniciou o seu testemunho de uma mulher/mãe campesina que sai em busca de seu filho desaparecido pela guerra e no caminho encontra mundos e vidas, para além da morte.

Durante a ação, todas assistiram atentamente aos gestos fortes, à violência poética, à loucura daquela mãe que dança. A dança ritual que envolvia os sonhos, as sonoridades, os deslocamentos e os desejos de cada uma. Na saia da personagem, a representação da maternidade, da guerra, da luta pela dignidade humana. Um ritual de purificação que rompeu com o cotidiano daquela realidade austera do presídio, para instaurar um momento de

sonho e encorajamento às mulheres que, assim como *Rosa Cuchillo*, ambicionam sair, conquistar outros mundos e se fazerem visíveis.

A chuva de pétalas de rosas atiradas pela personagem tomou o ambiente, criando uma nova paisagem multicolor naquele cenário de concreto e grades. O cheiro agradável da “água de flores” preparada com tanto cuidado por Ana Correa (que aprendeu com sua avó que cura o susto e o pesar) surtiu efeito: muitas daquelas mulheres voltaram a ser meninas. Correram para pegar as pétalas no chão e guardá-las como se fossem pequenos tesouros.



Apresentação de *Rosa Cuchillo* em San Cristóbal de las Casas, 2013. Imagem: Rosy Velasco

“Um aplauso para *Rosa Cuchillo*”, gritou a funcionária com uma voz potente que preencheu o espaço ao final da apresentação. Então, correram para abraçar e beijar a personagem. E Ana as recebeu com carinho, conversando individualmente com todas que se aproximam, perguntando-lhes intimidades.

Ana e Teresa propuseram, ao final da atividade, uma roda de conversa. Ana começou sua fala, ressaltando a ideia de que o teatro é um espaço de liberdade e que, com esse intuito, todas podem se aproximar da arte em busca de um lugar de cura. Teresa completou contando que no início das atividades do Yuyachkani os integrantes queriam fazer a revolução a partir do teatro. E com o tempo, perceberam que para mudar o mundo tinham que primeiramente mudar a si próprios. E por isso o teatro é um lugar de cura e liberdade. Reforçou nos seus dizeres que a liberdade não é só o que está na lei, no papel dos “homens”, mas o que se conquista no dia a dia. E incentivou a todas dizendo que enquanto esperam chegar o dia de ir “lá pra fora”, podem construir sua liberdade interna. Palavras de bravura que todas precisam muito.

Ao comentar a peça, uma delas disse que a dança a fez sentir-se voar longe, como se estivesse fora daquele lugar. Outra relatou que gostou muito por tê-la feito esquecer completamente de tudo. E outra, ainda, observou que *Rosa Cuchillo* pareceu dizer-lhe pessoalmente que tinha confiança nela. E chorou. Um momento em que todas as mulheres que ali compartilharam esta vivência de força onírica ficaram muito comovidas, inclusive eu.

Ao apresentar este trabalho em diversos países, em praças públicas de diferentes cidades, nas feiras e nas ruas, Ana Correa descobriu o poder de sua arte como um lugar de cura. Parte da cura do sofrimento do povo de seu país em estado de guerra e violência reverbera nesta experiência poética, na qual a mulher tem importante presença na luta e na defesa da vida. E neste presídio ao sul do México, quase fronteira com a Guatemala, pude vivenciar a arte em sua completude, transformando momentos, refazendo sonhos, instaurando novamente esperanças no coração de mulheres em situação de vulnerabilidade. Mesmo que tenha sido por alguns efêmeros minutos.